

Manual do Voluntário

Autoria: Dr. Aristides Maltez Filho

Composição: Sandra Cavalcante Souza

Revisão: Leda de Faria Pinto

FILANTROPIA

O que significa a filantropia

Nada mais, nem menos que amor à humanidade, a prática da caridade, da solidariedade. Conseqüentemente, instituição, entidade, organização, fundação que se constitui como filantrópica tem que se dedicar basicamente à filantropia.

A prática da filantropia está acima da caridade como esmola, em seu sentido banal, de religiosidade, mas sim o de solidariedade, de dar de si para ajudar as pessoas que mais necessitam, os excluídos socialmente.

As instituições filantrópicas não existem ao bel prazer de dirigentes ou de seus idealizadores. Elas surgem, existem, premidas, geradas por necessidades sociais que os órgãos do governo são incapazes de atender.

A miséria, a fome, a ignorância, a doença, o desemprego são fatores responsáveis pelo desencadeamento de instituições filantrópicas.

Se por um lado, a filantropia, as instituições filantrópicas são eminentemente privadas, para que existam, não de ter as organizações públicas consciência de suas limitações para autorizar e delegar que ajam no campo social pretendido e necessitado de atuação. Assim, são as entidades filantrópicas prolongamento dos órgãos públicos, com deveres definidos a cumprir perante determinada necessidade social.

O amor ao próximo nasceu com a humanidade. Ao que parece, se aprimorando, se valorizando com a própria evolução do ser humano, embora, em instantes, com constatações verdadeiramente paradoxais.

Na área de saúde, a filantropia ou beneficência, como acentuam alguns, no nosso País, tem como principal modelo, a partir do século XVII, o advento das Santas Casas de Misericórdia. Ultrapassa o número de 900 Santas Casas de Misericórdia entre os 2.600 hospitais filantrópicos, somando a disponibilidade de 270.000 leitos no Brasil.

O que é preciso destacar é que os hospitais, as santas casas, as entidades constituídas legalmente como filantrópicas surgem para atender à população carente, ao desvalido, ao excluído, não para competir com os organismos privados, de fins lucrativos, priorizando o atendimento aos planos de saúde, às pessoas abastadas.

As entidades filantrópicas existem para servir e não para seduzir.

A atenção da entidade filantrópica não tem que ser limitada por teto nem percentagem. Ela tem que ser exercida levando em conta a necessidade social, a atenção ao carente, ao excluído.

Todavia, para tanto, ao delegar a competência que é própria dos organismos governamentais (federal, estadual, e municipal), cumpram estes a sua parte, dando obrigatoriamente, sua parcela de subvenção ou subsídio e não esquivando-se.

As entidades filantrópicas não podem competir, em igualdade de condições, com empresa privada de fins lucrativos. Se tal ocorre, se o faz, é de modo desproporcional e desvirtuado.

Hospital filantrópico, como o Hospital Aristides Maltez, tem que atender priorizando o carente, o necessitado, até o limite de suas forças, firmando credibilidade pela fidelidade a seus princípios básicos e buscando a permanente parceria dos órgãos de governo e da iniciativa privada, que têm o dever social de participar.

São as filantropias chamadas, através dos tempos, por diversas designações, como: casa de caridade, casas pias, organizações voluntárias, organização sem fins lucrativos, organizações não governamentais, sociedades civis de interesse público, de 3º setor, intermediando o 1º setor (governo) e o 2º setor (iniciativa privada).

A verdade é que, pelo grande papel social desempenhado em todo o mundo e considerando o momento adverso que tem se caracterizado com a globalização, vem a filantropia de ter seu maior destaque na história da humanidade pelo quanto pode representar para resolver problemas sociais, agudos e crônicos, pela capacidade que

tem de gerar mão-de-obra técnica, especializada e humanizada, como nunca antes se havia percebido.

Urge pois, cada vez mais, a participação espontânea, consciente e identificada da sociedade na filantropia, de modo especial em país em desenvolvimento, como o Brasil, a exemplo do que se verifica na Bahia, com a Liga Bahiana Contra o Câncer.

Há de se distinguir a tipicidade das entidades no conceito da filantropia/beneficência. Aquelas que, com os benefícios da filantropia, se dedicam, predominantemente, à assistência a seu quadro de sócios, as fundações empresariais que se voltam, predominantemente, para seu mundo interior, os organismos de recreação social e fundações governamentais, públicas que, em verdade, fogem ao escopo das instituições filantrópicas.

ENTIDADES FILANTRÓPICAS NO MUNDO ATUAL

1. Holanda	80.000 entidades filantrópicas
2. Itália.....	700 entidades filantrópicas
3. Alemanha.....	5.500 entidades filantrópicas
4. Espanha.....	300 entidades filantrópicas
5. Inglaterra.....	100 entidades filantrópicas
6. Suécia.....	30 entidades filantrópicas
7. França.....	400 entidades filantrópicas
8. Hungria.....	400 entidades filantrópicas
9. Portugal.....	300 entidades filantrópicas
10. Áustria.....	160 entidades filantrópicas
11. U.S. ^a	6,8% do total de empregos se acham no 3º setor.

(Dados do Johns Hopkins Institute)

O VOLUNTARIADO

A atuação das entidades filantrópicas se alicerça na presença do voluntariado.

O voluntariado é representado pelos voluntários, ou seja, pessoas desprendidas, solidárias, identificadas com a causa e que a ela decidem se dedicar parcial ou integralmente, sem nada buscarem em troca.

Ser voluntário é ser doador de trabalho, carinho, amor e assistência.

Para ser voluntário, antes de mais nada, há de existir pendor, vocação.

Conforme completamente configurado nos capítulos anteriores, é inteiramente é impeditiva, pela legislação brasileira vigente, a retribuição financeira ao trabalho do voluntário.

Insistimos, pois: para ser voluntário em uma obra social, especialmente na área de combate ao câncer, não basta apenas boa vontade, há de ter motivação, vocação.

O voluntário contenta-se, realiza-se, realizando o próximo, suprimindo as carências dos seres humanos socialmente excluídos.

Ao pretender engajar-se como voluntário, em qualquer instituição filantrópica séria, imbuída de seu verdadeiro papel social, como a Liga Bahiana Contra o Câncer, o voluntário assume compromissos virtuais e formais, não pode participar, apenas, em eventualidades.

O voluntário, na L.B.C.C., desinteressada e desprendidamente se integra à instituição e dedica parte de seu tempo disponível para a melhoria da qualidade de vida de pacientes portadores de câncer e seus familiares assistidos no HAM e nos ambulatórios preventivos, participando de seus órgãos diretivos, programas assistenciais ou de movimentos para arrecadação de recursos financeiros junto à sociedade.

A presença, o papel do voluntário na L.B.C.C., em especial, no HAM, é vital para a humanização.

O voluntário deve sempre estar imbuído de solidariedade, motivação, identidade com ação social, dispor de tempo livre e estar preparado adequadamente para evitar desgastes para si e seus assistidos.

O voluntário consciente de sua ação desprendida tem que ter qualidades como as que relacionamos: sensibilidade, discrição, profissionalismo, maturidade, pontualidade, respeito, não ser paternalista e ter ampla capacidade de integração.

Na atuação, na L.B.C.C., está o voluntário preso ao sigilo de tudo aquilo que constata, de que participa, na atenção aos pacientes e seus familiares. Jamais os fatos verificados na atenção do voluntário deve ser objeto de consideração e análise fora do ambiente da instituição.

O voluntário, no desempenho de sua sublime ação social, tem que se integrar aos movimentos, aos técnicos, aos profissionais responsáveis pela assistência aos pacientes, como ajuda, apoio, complemento. Jamais poderá competir, criar obstáculos à ação técnica, sob pena de estar negando o próprio voluntariado.

MODALIDADES DE VOLUNTARÁRIOS

Consciente da missão a cumprir, da devida identidade com o objetivo da instituição, o desempenho do voluntário na Liga Bahiana Contra o Câncer poderá se verificar de várias maneiras.

O voluntário associado: aquele que é básico para a existência da entidade, como pessoa jurídica, e consiste no preenchimento de uma proposta, submetida à aprovação da diretoria e, a partir daí, contribui com anuidade, integra-se à Assembléia Geral da instituição e tem direito de eleger e eleger-se para os cargos dirigentes da entidade.

Voluntário dirigente ou executivo: é o prolongamento do voluntário associado que se submetendo a pleito eleitoral, conforme os preceitos estatutários, passa a integrar os organismos responsáveis pela condução dos destinos da entidade, tais como: Diretoria Executiva, Conselho Deliberativo, Conselho Fiscal e Conselho Técnico e Administrativo, sendo, pois, responsável pela devida representatividade da L.B.C.C.

Voluntários assistenciais: aqueles que atuam diretamente junto aos pacientes e seus familiares, prestando-lhes apoio afetivo, psicológico e financeiro, através de distintos grupos e atividades como: lazer, bazar, trabalhos artesanais, biodança, mastectomizadas, ostomizados, laringectomizados, religiosidade, visitas domiciliares etc. Esses grupos estão, desde a origem, vinculados ao organismo chamado Campanha Contra o Câncer e para participação requer a prévia incorporação à mesma, independente de vínculo associativo à L.B.C.C.

Voluntário promocional: a exemplo do anterior, está agregado à Campanha Contra o Câncer – (C.C.C.), tem atividade diretamente conduzida pela Presidência da

C.C.C. e busca arrecadação de recursos financeiros, mediante pedidos a empresas, pessoas físicas e organismos oficiais, bem como em promoção de campanhas como João e José, bingos, jantar dançante, reciclagem (Vidro para a Vida e Lata), Abraça esta Causa, Caderneta de Poupança 1.000.000, Clube do Siri, Não lave as mãos e sociedade Solidária X Câncer vencido.

Voluntário egresso: representado por pessoas que foram acometidas pelo câncer e em atitude de auto-estima, de renovação de vida, decidiram se incorporar à luta contra o câncer de modo ativo e afetivo, dando seu vitorioso testemunho.

Assim, de acordo com a propensão de cada um, por escolha espontânea, poderá o voluntário atuar, no HAM, junto aos pacientes ou prestando apoio a serviços ou setores do hospital, como, em domicílio, aos pacientes assistidos no HAM, por intermédio do Departamento de Serviço Social e do Programa de Assistência Domiciliar, ou atuar, externamente, buscando recursos junto à sociedade, poder público e iniciativa privada, para assegurar a sobrevivência da L.B.C.C., assistindo aos pacientes carentes portadores de câncer.

Há de ser ressaltada a atuação de voluntários nos Núcleos Regionais do interior do Estado, a exemplo dos atualmente existentes, atuantes, em Alagoinhas, São Francisco do Conde. Esses voluntários se congregam em grupos, que incluem uma diretoria, que coordena as atividades do núcleo na arrecadação de recursos, no atendimento de pacientes nos Ambulatórios Preventivos, como o Arlinda Robatto (Alagoinhas), e Augusto Viana Ribeiro dos Santos (São Francisco do Conde).

Conforme evidenciamos em considerações precedentes, o voluntariado vem tendo tão grande ênfase no contexto social da atualidade, a ponto das autoridades governamentais acharem por bem, a exemplo de outros países, promulgar a lei 9.608, de 18.2.98, que dispõe, exclusivamente, sobre o serviço voluntário no Brasil.

RISCOS DO VOLUNTARIADO

Nunca será demais ressaltar que aquele que se dispõe a participar como voluntário na luta contra o câncer deve estar devidamente preparado e conscientizado do papel a desempenhar e da delicadeza dessa atuação, em especial o voluntário que vai atuar no dia a dia, diretamente junto aos pacientes. Daí termos ressaltado que, além de sensibilidade, da disponibilidade de tempo, de dedicação, tem que ter vocação. Não basta, simplesmente, querer, simplesmente, ter boa vontade.

Tudo isto porque a missão do voluntário, se não suficientemente preparado, implica riscos que não somente trarão desgastes pessoais como poderão ter determinantes negativos para os pacientes, alvo da atuação.

Assim, de toda segurança e preparo deve estar imbuído o voluntário para que não venha a incorporar doença, ou seja, procurar em si todos os males que afligem o paciente com câncer, tornando-se, assim, um canceroso em potencial.

A postura perante o paciente e seus familiares tem que ser sempre ativa e independente das aflições patológicas, orientando, assistindo, encorajando e não se entregando, se deixando contagiar pelo negativismo solidário.

De igual modo não pode o voluntário se deixar contagiar, incorporar as carências de assistidos e se deixar envolver pelo sentimento de pena, de compaixão. Muito pelo contrário, o voluntário tem que agir, funcionar como apoio, como um suporte para o paciente e seus familiares, minimizando-lhes as carências, jamais incorporando-as.

Menção destacada merece, na atuação do voluntariado, o grande risco de deixar conflitar sua atenção com os interesses pessoais, familiares e seus deveres profissionais. A boa aparência, a apresentação pessoal decente e adequada fazem parte da postura do voluntário, com reflexo direto nos assistidos. Apresentação decente, sem excessos (de perfumes, pinturas, uso de jóias, vestes provocantes etc.).

Jamais poderá deixar o voluntário, em plano secundário, os interesses familiares, como atenção aos filhos, cônjuge e trabalhos domésticos.

A atuação do voluntariado tem que ser reflexo de uma adequada atuação em sua vida familiar, para que não sofra a ação voluntária conflitos, choques e conseqüentemente desestímulo.

Não é diferente de relação às atividades profissionais. O indivíduo que se dedica á atuação como voluntário não tem como deixar em segundo plano sua atividade profissional, se ainda é atuante. Há de conciliar, de administrar devidamente o tempo para que não haja conflito com a ação como voluntário. O trabalho voluntário tem que ser um complemento indispensável e salutar de sua vida.

Disputas, desencontros e tensões entre o trabalho voluntário e as atividades familiares e profissionais são evidência de que a vida e o tempo não estão devidamente administrados e muito provavelmente não há disponibilidade para uma atuação sadia e salutar como voluntário .

Riscos dos mais delicados na atuação dos voluntários, no âmbito hospitalar, no convívio com pacientes e a equipe de profissionais, é não conhecer o voluntário seu limite de ação.

O papel do voluntário, essencial, indispensável em hospitais filantrópicos de combate ao câncer, como o HAM, tem que ser dentro do que se propicia em atividades afetivas, de ajuda, apoio ao paciente, sem jamais interferir na ordem técnica de médicos, enfermagem, nutrição, fisioterapia, psicologia etc. Toda e qualquer tentativa de intromissão na orientação técnica, por mais simpática que possa parecer, poiderá ser grandemente nociva ao paciente.

Entre o voluntário e a equipe técnica tem de haver respeito mútuo, entrosamento, entendimento e a continuação de ações do voluntário para a equipe técnica e da equipe técnica para o voluntário .